

# ORACAM FVNEBRE

Nas Exequias Reaes da Serenissima

RAINHA DE PORTVGAL;  
D. MARIA, FRANCISCA, ISABEL  
DE SABOYA,

*CELEBRADAS*

Na Santa Casa da Misericordia de Lisboa, aos 27.  
de Janeiro de 1684.

*OROV*

O P. D. RAFAEL BLVTEAV,

Clerigo Regular Teatino da Divina Providencia, Doutor  
na Sagrada Theologia, Prégador da Rainha Máy  
d' Inglaterra, & Calificador do S. Officio  
no Reyno de Portugal.



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL DESLANDES.

---

M. DC. LXXXIV.

*Com todas as licenças necessarias.*

O R A C A M

F V N E R E

Nas Escolas de Artes da Universidade

R A I N H A D E P O R T U G A L

D. M A R I A F R A N C I S C A I S A B E L

D E S A B O Y A

C E L E B R A D A

Nas Salas da Universidade de Lisboa, aos 27.

de Junho de 1684.

O R O N

O R. D. R A F A E L B I V T E A V

Clerigo Regular Terceiro da Divina Providencia, Doutor

na Sagrada Theologia, Regedor da Real Academia

de Logares e Caballero do S. Officio

no Reyno de Portugal.



L I S B O A

N. O. de Miguel de S. Paulo

M D C L X X I V

Em Lisboa na Imprensa da Universidade



# EPISTOLA DEDICATORIA

A REAL ALTEZA

da Serenissima Senhora,

D. MARIA IOANNA BAVTISTA,

Duqueza de Saboya, Rainha de Chypre, &c.

SERENISSIMA SENHORA.

**D**EST A Occidental Região da Europa ( & com duplicada razão, Occidental, depois do Occaso do Sol, que a alumeara com o esplendor de suas virtudes) envia a nossa saudade os seus gemidos, aos eccos desses montes, que com sublime emulação, coroão os Estados de V.R.A. Não busca a nossa dor essas montuosas eminencias, para fazer, como os Gigantes de Flegra, violencias ao Ceo; mas queremos que cheguem ao Ceo os nossos suspiros; que só com suspiros tão altos, se podem exprimir tão grandes precipicios. Cahio o nosso soberano Planeta da Esfera da belleza, desmayada na enfermidade, & eclipsada na morte; cahio do Zenith da vida humana, acabando o curso dos annos, no mais alentado vigor da idade; cahio da altura de hum Throno, de donde descobria, & governava vassallos nas quatro partes do mundo; só não ca-

hio este Astro, do Firmamento da constancia, porque com inalteravel firmeza de animo, se offereceo aos estragos do ultimo conflito. Mas que caso podia fazer da vida, huma Rainha, que só trazia a morte no pensamento? A continuacão deste cuidado lhe tinha suavizado o horror, que a todos causa o morrer; se com as forças da natureza, fez alguma resistencia, nenhuma repugnancia teve na vontade, & perdendo com a vida a Coroa, coroou com a constancia, com que morreo, toda a vida. Esta consideração, Serenissima Senhora, pôde aliviar o justo, & justamente excessivo sentimento de V. R. A. que se o mayor dos males, he o morrer; o morrer bem, he sem duvida o mayor de todos os bens do mundo. Todas as Estrellas são irmaãs, & as que se achão no Auge, & no Apogeo da sua carreira, não se lastimão das que se vão pondo no Occidente; porque morrem as Estrellas a hum Emisferio, para nascerem a outro. E se a gloriosa, & sempre augusta irmaã de V. R. A. passou desta vida mortal, para a eterna; chorar a sua morte, he suspender as congratulaçoens da nova, & melhor vida, que logra. Em quanto viveo neste mundo, foy passalla da morte, & não se podia eximir deste jugo inevitavel, sem primeiro comprar com as suas Reaes cinzas a liberdade: Não se podem os Reys queixar da cômum obrigação desta divida, porque com a pouca terra, que deixão em deposito, descontão o logro de grandes Estados, & com benefica fatalidade trocãõ os cuidados, & os embaraços do governo, com o descanso, & o silencio do sepulchro.

No meyo das penas, & das magoas, que a triste lembrança desta morte perpetua, não pôde o rigor do destino, tirar a V. R. A. os motivos, que a Prudencia Christãã lhe offerece para a consola-

ção desta perda. Que mayor felicidade, que auzentarse do mundo, para estar com Deos? E que mudança mais venturosa, que acabar a vida, para a renovar? Pouco importa, que Estrellas de maligna influencia, tenham conspirado na morte da nossa Serenissima Rainha, se ella hoje está pisando essas Estrellas, & não nos ha de pesar de não a ver mais andar na roda do mundo, se ella está assentada na base da Eternidade; sinta a morte o excesso, a que cegamente se atreveo, neste crime de Lesa Magestade; mas de huma tão breve duração, não se queixe a vida, porque nos periodos da natureza, a brevidade com que se acaba, he argumento da excellencia, que se possuiue. Com poucos instantes se contenta o Iris, para fazer pompa da sua agradavel variedade, & a primeira gala do dia, encerra toda a sua ostentação, no breve reynado da Aurora. Ao Rey dos Elementos, o Fogo, nam lhe serve a sua actividade, senão para consumir a sua substancia; & no Imperio da Primavera, a mais caduca das flores, he a Rosa, sua Rainha. Se he mais grata a restituição, que se faz sem tardança, & se he mais effectivo o Iuiz, que nam dilata a sentença, & pedia o primor, que a nossa Serenissima Rainha, nam tardasse em restituir ao Senhor seu generoso espirito, & juntamente quera a justiça, que o Senhor não prolongasse o despacho, com que ella alcançou a coroa da immortalidade.

Supposto isto, nam acabou de reynar, mas mudou de Reyno, & as Chagas de Christo, que na terra erão o Brazão das suas Armas, fazem no Empireo huma parte do objecto da sua Bemaventurança. Neste mesmo Reyno em que está sepultada, nam me atrevo a dizer, que morreo, porque vive na admiração, dos  
que

que forão teste munhas das suas virtudes, & sempre viverá na memoria da Pôsteridade. Para abonodestas verdades, offereço aos olhos de V. A. R. o retrato desta grande Rainha, neste funebre Panegyrico, em que o sentimento he orador sem adulação, porque emudecem lisonjas, quando fallaõ as lagrimas. Queira Deos dar a V. A. R. as felicidades temporaes, & eternas, que lhe deseja este seu muito humilde, & muito obrigado seruo,

**D. RAFAEL BLUTEAU,**

**Clerigo Regular Teatino da Divina Providencia.**



*Versus est in luctum chorus noster, cecidit corona capitis nostri.*

Lamentation. Ierem. cap. 5. vers. 15.



**A**DORNOS melancolicos, sombras tecidas, mortalias do dia, vestiduras da noite; a vossa funebre escuridão, não he sufficiente para representar o ecclipse do Astro, que se ausentou destes faudosos Orizotes: Tochas ardentés, tremulos resplandores, palpitantes lavaredas; a vossa luminosa trepidação, não pôde explicar as ancias da nossa dor, & os trances do nosso sentimento: Excelso Tumulo, limite da vida, tribunal da morte, pomposo precipicio das grandezas humanas; a tua funesta exaltação, não he capaz, para exprimir a sublimidade do Planeta, que a cruel impaciencia da morte, arrebatou ao seu occaso; & Nós, que com este luctuoso apparatus, pretendemos acreditar os desafogos de huma sentida piedade, não sei se chegamos a comprehender, que excessiva he a nossa perda, na sempre faudosa, & sempre lamentavel morte da Serenissima Rainha, D. Maria, Francisca, Isabel de Saboya. Na morte dos Reys, cahem as Magestades, mas não sempre cahem as Coroas ( fallo das coroas da virtude, que são os verdadeiros Diademas dos Monarchas. ) Na morte das Rainhas, de que a virtude não ornou a vida, só perde a gloria humana, o frontispicio de huma magestosa vaidade; mas na morte das Rainhas dotadas de singulares virtudes, perdem os Reynos a sua coroa, porque não ha coroa, que mais adorne a cabeça  
de

Proverb.  
cap. 2.  
vers. 4.

de hum Reyno, que huma Rainha virtuosa. Chama Salomão à mulher diligente, coroa de seu esposo: *Mulier diligens, corona est viro suo*. E com a mesma propriedade, chama eu a huma Rainha virtuosa, coroa do seu Reyno. O fatal destruçõ desta coroa, será hoje o juizo motivo da nossa dor. Na morte, que choramos, não consideraremos a perda de huma Rainha, mas na morte de hum Rainha virtuosa, choraremos a perda de huma coroa: & esta he a metaforica significação das ultimas palavras do meu Thema: *Cecidit corona capitis nostri*. Neste Acto funeral, não quero ouvir as queixas de humia Augusta, & Real Profapia, sentida de ver sem vida, huma Princesa do mais puro, & mais illustre sangue da Europa; a nobreza do sangue pôde estar sem o lustre da virtude, & a virtude, he a coroa da nobreza; mas ay! que caducas são as coroas! *Cecidit corona*: nem quero dar lugar aos lamentos da discricão, afflicta, & desconfolada de hum tão breve circulo de vida, em huma tão grande esfera de entendimento; a discricão, não he sempre ornada da virtude; & a virtude he a coroa da discricão; mas ay! que pouco firmes são as coroas! *Cecidit corona*. Finalmente não quero admittir as lagrimas da belleza, lastimada de ver rosas, & estrelas convertidas em cinzas: a belleza não he sempre companheira da virtude, & a virtude he a coroa da belleza: mas que breve, & que efimero he o esplendor das coroas! *Cecidit corona*. Supposto isto, a unica, & verdadeira razão das nossas magoas, he a perda de huma coroa; não de huma coroa material, mas de huma coroa de virtudes, que eraõ o ornamento desta Corte, Cabeça do Reyno: *Cecidit corona capitis nostri*. Tres coroas, ou para melhor dizer, tres virtudes ornarão a Real Pessoa da Serenissima Rainha Senhora nossa, a coroa da Prudencia, a coroa da Clemencia, & a coroa da Constancia: a sua Prudencia, foy a coroa dos seus gloriosos Progenitores; este he o primeiro assumpto: a sua Clemencia, foy a coroa da sua propria Coroa, este he o segundo; & a sua Constancia, foy a coroa da sua morte; este he o terceiro,



rô, & ultimo assumpto. Que digna de sentimento he a perda de tão preciosas coroas, no eclipse de taõ soberanas virtudes! E que dignos nos môstraremos de hum tão grande bem, sentindo com enternecida lealdade, huma tão grande perda! não nos pôde o tempo tirar o affecto de subditos, em quanto durar a faudade destas Reaes virtudes; serà logo a nossa dor, o interprete da nossa fidelidade; & a vassallagem dos coraçãoens, se manifestará no Tributo das lagrimas: *Versus est in luctum chorus noster; cecidit corona capitis nostri. Ave Maria.*

## I. PARTE.

*Cecidit corona capitis nostri.* Com as palavras do mais fabio dos Reys, provo que a nossa Serenissima Rainha foy a coroa de seus gloriosos Progenitores: *Corona sem in filij filio.* *Prov. c. 17. v. 7.* Diz Salamá, que os filhos são a coroa dos pays, & o mesmo affirma, que a prudencia he o credito, & a gloria das coroas: *Prudentia dat vocem suam, & per me Reges regnant.* *Prov. c. 8. vers. 1.* Suppostas estas duas verdades, claro está, que ainda depois da morte, reynão os Principes na prudencia dos filhos; & por isso digo, que na pessoa da nossa prudentissima Rainha, *Ibid. v. 15.* imperavão todos os Principes seus Ascendentes, que nos seus monumentos estão hoje encerrados, & fogeitos ao inexcravel imperio da morte. Hum dos actos mais difficultosos, & por consequencia, hum dos mais luzidos primores da Prudencia, he conformar os seus procedimentos com o genio das Naçoens, & das terras, em que se vive, porque a conformidade com costumes diferentes dos da Patria, he *Phil. Ind. de legat. Om-nibus mortalibus, à naturà inditus est amor Patriæ, & legum patriarum religio.* *ad Cainum tom. 2 post medium pag. 1384.* Dizia aquelle Sabio da Antiguidade. O amor da patria, & a inclinação aos costumes, que nella se guardão, he hum affecto, que a natureza imprime na infancia, & que sempre vay crescendo com a idade; são os homê-

Cant. 4.  
vers. 8.

como as arvores, que sempre conservão algũa calidade do terreno, em que lançáraõ as primeiras raizes, & não se deixa hũa arvore transplantar, se não se arranca. Verdade he, que não parece difficultoso, largar a patria, para lograr huma coroa, mas não seria a primeira vez, que se difficultou, o aceitar huma coroa, com a pensãõ de se desterrar da patria. Dos desertos do Monte Libano, foy a Esposa dos Cantares chamada para a Corte, & no mesmo tempo lhe foi offerecida a coroa: *Veni de Libano sponsa mea, veni de Libano, veni coronaberis.* Não sey se reparais na efficacia destas petiçoens: *Veni, veni, veni,* tres vezes he chamada a Esposa, da patria para a coroa, *Veni de Libano, coronaberis;* & não aceita logo a Esposa huma tão magnifica, & tão agradavel offerta? Não, mas tarda, duvida, & não se resolve; porque? Porque faz difficultade de se privar da liberdade da patria, para se sogetar ao jugo de huma coroa: *Neque enim illi erat facile, patriam, parentesque relinquere:* diz S. Bruno neste lugar. Sempre foy necessaria a prudencia para reynar, mas para reynar fóra da Patria, he precisa huma, mais que ordinaria prudencia, porque muitas vezes se encontra com difficultades, que na patria se ignoravaõ, & parece, que he Ley da Natureza, que fóra do lugar do seu nascimento, não possaõ as criaturas reynar com socego.

Que agitaçoens, & que tormentas não experimentão as aguas, que deixando a tranquillidade da fonte, de que nascerão, correm para o mar, & misturadas com as ondas, reynão com amargosos desafocegos no meyo de hum procelloso imperio? Da sua terra nativa se levanta a exhalação, & transformada em nuvem habita em differente clima, & reyna na meya Região do Ar, mas quantos rayos se formão, & quantos fragores se ouvem no reynado desta sublime exhalação? O Sol, que sendo todo olhos, & todo luz, he o symbolo da mais vigilante prudencia, fóra da sua patria, não pôde reynar, sem embaraço; o quarto Ceo, he a patria, & a esfera do Sol; là reyna este Monarcha das luzes com perpetua,  
& im-

& imperturbavel serenidade, mas chegando a estender para a terra o seu dominio , a plebe dos mais infimos vapores o pôde offuscar, & neste Emisferio não reyna o Sol hum só dia , que não morra. Ao mesmo Deos, que he Rey dos Reys, foy em certo modo impossivel o reynar tranquillamente em terras alheias : Reyna Deos na terra, & no Ceo, & mais particularmente no Ceo, que na terra , porque o Ceo he hum Trono mais proporcionado ao poder, & à grandeza de Deos : *Cælum Cæli Domino*, diz o Psalmista : *quia ibi magis relucet ejus potestas*, acrescenta o Lyrano , & para os homens, a terra he o lugar, que Deos lhe deu para reynar : *Terram autem dedit filijs hominum*. Na terra pois, que he o estado, & o senhorio dos homens, quiz Deos humanado reynar espiritualmente como Author da Ley da Graça ; mas este Divino, & peregrino Rey, no districto da jurisdicção dos homens, não teve coroa sem espinhos, nem pode reynar sem Cruz ; & se a conformidade com os naturaes dos subditos, he necessaria para reynar, foy Deos tão conforme com a natureza dos homens, que se fez propriamente homem ; mas que ? não tiverão os homens prudencia, nem conformidade, para reynarem espiritualmente com Deos humanado , porque conformandose Deos com a natureza humana , nam se queriaõ os homens conformar com a doutrina Divina , & aos que faltáraõ a esta tão justa conformidade, julgou Deos indignos da participacção da sua Coroa, & do seu Reyno : *Auferetur à vobis Regnum Dei*. Oh ! que precisa he a conformidade, para reynar bem, & que necessaria he a prudencia, para se bem conformar ! Prudentissima Rainha , que admiravel foy a vossa conformidade, com os estilos da terra, em que reynastes ! não estranhastes o severo genio da Corte, conhecendo que decorosa he a compostura desta severidade ; co-roastes com a vossa imitacção, os bons costumes dos vossos subditos, & sem abatimento da vossa independencia, seguisstes o seu exemplo. Nao vos servio a patria , senão como o Oriente à Aurora, de berço para nascer ; là fizeraõ os primeiros

ros Annos o Prologo, & Portugal foy o Theatro, em que com novas maximas, se mudou a scena; resplandecestes no Paço, como o Sol no Ceo, que adjectiva as suas luzes, com as influencias dos Signos, em que domina; corrêraõ os dias da vossa vida, como as fontes, que tomãõ as boas qualidades das terras a q̄ chegaõ, & neste Reyno fostes o Astro, que como a Estrella dos Magos, se soube accõmodar ao passo dos seus inferiores; finalmente em nenhũa cousa parecestes estranha, sendo em todas supremamente peregrina.

Com esta discreta conformidade deu a nossa Serenissima Rainha singulares augmentos à gloria de seus inclytos Progenitores, porque se elles reynáraõ com prudencia nas terras do seu nascimento, ella com prudencia mais rara, reynou fóra da sua patria: & esta he a razão, porque disse no principio, que a sua prudencia foy o Diadema, que coroou, & acrescentou a gloria de seus illustres Ascendentes. Estando Iacob nos ultimos instantes da sua vida, fez a seu filho Ioseph, hum dilatado encomio, de que as primeiras palavras foraõ estas: *Filius accrescens Ioseph, filius accrescens.* Duas vezes chama Iacob a seu filho, filho de augmentos, porque como advertio o Cardeal Gaetano, foy Ioseph causa de dous generos de augmentos, do augmento da sua propria gloria, & do augmento da gloria de seus pays: *Commen-*

*Genes.*  
*cap. 49.*

*Caietan.*  
*in Catena*  
*ad eum lo-*  
*cum.*

*dat Ioseph de augmento conduplicato, filius accrescens, eo quod & creveru sibi, & creverit domui uniuerse Iacob.* Mas em que lugar acrescentou Ioseph a gloria de seus pays? Fóra da sua patria, quando dominou no Egypto; & com que virtudes fez Ioseph estes acrescentamentos, senaõ com a prudencia, com que tratou os negocios mais arduos, & com a docilidade, com que se conciliou os animos mais alienos. Se reynara Ioseph nos limites da patria, não fora a sua gloria taõ celebrada no mundo, porque não ficára a sua prudencia taõ experimentada no governo; & o que neste successo mais me admira, he que Iacob moribundo tivesse alento para se esprayar nos louvores de Ioseph; notavel força de espirito, em hum

hum tão grande abatimento das forças do corpo! Desperta do letargo da morte: hum pay agonizante, & em certo modo refuscita com a lembrança dos progressos do filho, & com as idéas dos augmentos da sua familia; sim, porque os homens são naturalmente tão amigos da gloria, & da perpetuidade do seu nome, que se fora possível romper os grilhoens da morte, creyo que os pays se levantariaõ do profundo dos seus sepulchros, para festejar as illustres acçoens dos seus descendentes. Gloriosos Progenitores da nossa Serenissima Rainha, Duques, Principes, & Reys, Duques de Nemours, & de Vandoma, Duques de Ferrara, de Longavilla, & de Lorena, Principes de Aumala, Reaes Altezas de Saboya, Christianissimos Reys de França, que hoje a morte tem so-geitos ao inevitavel rigor do seu Ceptro: Oh se me fora permitido penetrar nos vossos Mausoleos, & repetir os eccos da Fama de hũa Rainha, que a prudencia sublimou ao Zenith da gloria, ouviria ao menos o vosso silencio; as minhas vozes; mas não quero alvoroçar inutilmente as vossas augustas cinzas; já deu a morte fim ao curso de huma vida, que neste Reyno continuava o interminavel periodo das vossas posthumas virtudes, & só posso desejar de gravar nos marmores, & nos bronzes das vossas sepulturas, estas breves palavras, para epilogo da vossa gloria, & para epitafio da nossa felicidade: *Verjus est in luctum chorus noster, cecidit corona capitis nostri.*

## II. PARTE.

A segunda coroa da nossa Serenissima Rainha, foy a sua clemencia; & para assumpto desta segunda Parte digo, que esta clemencia, foy a coroa da sua propria coroa. No antigo Testamento, não se falla na coroação, mas na unção dos Reys; para David reynar, não foy coroado, mas foy David ungido: *Vnixerunt David, ut regnaret.* Esta era a principal cerimonia da Acclamação dos Keys daquelle tempo, & creve o Abulense, que esta unção se fazia na cabeça: *Reges.*

Oleum; *ungebantur oleo sancto in capite.* De maneira , que a cabeça, quia ceteris liquoribus superferretur, miseriam designat, S. Ioaõ vio ao Senhor assentado em hum Throno, com o Arco celeste por cima, que em certo modo servia de docel a este Throno: *Iris erat in circuitu sedis.* No Iris se significa a Divina Clemencia, porque depois do castigo do Diluvio, foy este Arco celeste o sinal da misericordiosa reconciliação de Deos com os homens, & sobre a cabeça do Senhor digna de todas as coroas, realça o Iris, symbolo da clemencia, porque a clemencia, he a coroa das coroas: *In capite ejus diademata multa; Iris erat in circuitu Throni.* Na Filosofia moral acho a razãõ desta superioridade da clemencia, & he, que a clemencia he huma virtude, que no governo dos Reys, modéra dous excessos, o excesso da justiça, & o excesso da benignidade. Não se pôde reynar sem justiça; mas a justiça com demasiado rigor, he tyrannia. Tambem he precisa a benignidade para reynar; mas a benignidade com demasiada brandura, degenéra em froxidão, & com nenhum destes dous excessos pôde estar firme a coroa. Huma coroa, he como hum anel. O anel muito apertado, não cabe, & se for muito largo, cahirá; não de outra forte a coroa; huma coroa apertada com nimio rigor, não assenta bem na cabeça, & huma coroa larga, & relaxada pela nimia indulgencia, cahe da cabeça dos Reys, & he causa da ruina dos Reynos. Sõ a coroa, em que a clemencia modéra estes dous excessos, se sustenta com firmeza, & assegura o Throno, como diz Salomão: *Roboratur clementia Thronus.*

Prov. cap.  
20. v. 28.

Que felices são os Reynos, & que perfeitos são os Reys, em que reyna a clemencia! mas por perfeita que seja a clemencia dos Reys, de ordinario tem os subditos mayor confiança na clemencia das Rainhas. Os Reys são os pays da patria

patria, & as Rainhas são as mãys, & assim como nas familias, o amor das mãys anima o respeitoso temor dos filhos, assim nas Republicas, a benignidade das Rainhas, alenta a tímida reverencia dos vassallos. Para o governo deste mundo material fez Deos hum Rey, & huma Rainha, o Sol, & a Lua; reyna o Sol, mas quem chega a pôr os olhos attentamente no Sol, senão as Aguias; tambem reyna a Lua, mas na Lua todos pôdem empregar a vista com confiança; do mesmo modo parece, que a clemencia das Rainhas tem huma luz mais tratavel, que a dos Reys; & posto que esteja patente a todos o Asylo da benignidade de hum Rey clementissimo, nam podemos deixar de sentir muito a ausencia de huma clementissima Rainha. No governo dos mayores Monarchas do mundo, muitas vezes dominou a clemencia das Rainhas com victoriosa suavidade: As piedosas rogativas de Esther, abrandarão o rigor dos Decretos d' El Rey Assuero; a intercessão da Imperatriz Livia, impetrou de Augusto o perdão de Cinna; & o Emperador Iustiniano confessa, que fazendo as Leys do Imperio, tomava conselho da Emperatriz sua mulher, que sem duvida o ajudou na prudente moderação da justiça punitiva. O Tribunal da justiça dos Reys he como o Ceo, que tem mais relampagos para atemorizar, do que rayos para ferir; mas a clemencia das Rainhas, quebra, quando convem, a força dos rayos; por esta razão representou hum Orador de Athenas a Minerva gloriandose de ter as chaves das casas, em que estavaõ guardados os rayos de Iupiter, & he credito de hum braço fulminador, deixar se dobrar aos rogos de huma Minerva. Não he meu intento, reduzir a numero todos os beneficios, que se alcançarão pelo piedoso patrocinio da nossa clementissima Rainha; basta dizer, que sempre se empenhava a sua piedade nas occasioens, em que o empenho era sem offensa da justiça, & sem agravo da consciencia. As suas acçoens eram todas de fazer bem, de amparar, de remediar, & finalmente de perdoar a todos, como ultimamente significou com huma clemen-

clemencia Christã, & Real; que se Christo com o titulo de Rey sobre a cabeça, não quiz beber o fel, que lhe foy offecido, he porque a lingua de huma cabeça coroada, não ha de amargar, & não ha de haver fel em hum coração Real: não se contentou esta clementissima Rainha com perdoar a todos, chegou a pedir publicamente perdaõ a todos os seus vassallos; mas que pezar nos deu para nos pedir perdaõ? Nenhum outro sem duvida, mais que o deixarnos; todo o mal que nos fez, foy auzentarse; cruelissima auzencia, que sempre estará presente à nossa memoria, & de que sempre se queixará a nossa saude.

A Clemencia, & a Misericordia, são duas virtudes, que só se distinguem pela differença dos objectos; o objecto da clemencia, são as penas, que merece a culpa; & o objecto da misericordia, são as miserias, que se padecem na vida: Todos os actos destas duas virtudes são alivios; a clemencia alivia os castigos, & a misericordia alivia os trabalhos, & por isso Deos, que he propicio às suas criaturas para todo o genero de alivios, toma no mesmo tempo, o nome de clemente, & de misericordioso: *Deus propitiuſ, clemens, & miſericors.* Foy a nossa Serenissima Rainha divinamente propicia aos seus subditos, porque aos actos de huma summa clemencia, acrescentou as obras de huma summa misericordia; para S. Paulo significar, que Deos he summamente misericordioso, chama a Deos, Deos de toda a consolação, porque o effeito da misericordia, he consolar, & não ha misericordia mayor, que a que a todos consola: *Pater miſericordiarum, & Deus totiuſ conſolationis.* Senhor, permitame a vossa infinita bondade, q eu chame a huma vossa subdita, Rainha de toda a consolação, porque a sua misericordia he tão universal, que consola juntamente a todos. Testemunho autentico desta verdade he o seu Testamento, epilogo da misericordia, & compendio de todas as consolaçens de huma compassiva beneficencia, porque nelle se vé por junto tudo o que a misericordia humana faz por partes; a orfandade das donzellas

apadri-

2. Esdra  
#.9.v.17.

2. Corint.  
#.1.v.3.



apadrinhada com dotes, o desamparo dos meninos expostos remediado com soccorros, a pobreza vergonhosa soccorrida com esmolas, a pobreza religiosa favorecida com legados, a necessidade dos presos aliviada nas cadeias da justiça, a liberdade dos cativos resgatada dos ergastulos da Berberia, a enfermidade assistida no Hospital desta Cidade, a convalescença estabelecida no Hospital das Caldas, & todas as obras espirituaes de misericordia perpetuadas com a conservação, & augmento das Missoens do Reyno, & das Missoes da China, & do Iapaõ; só parece, que falta o cuidado da sepultura dos mortos, mas nem esta obra de piedade faltou neste triumpho da misericordia; porque a estreita, & perpetua claufura do Mosteiro das Religiosas, que a nossa Serenissima Rainha fundou, que outra cousa he, que huma viva, & sagrada sepultura de almas mortas ao mundo? Sahio esta alma real da prisaõ do corpo, com huma circumstancia, com que a Pomba sahio da Arca. Là no Diluvio universal, quando a Pomba lançou o voo para buscar hum novo mundo, não havia palmeiras, nem loureiros, arvores pomposas, & magnificas, leroglicos das victorias, & vegetativas insignias, da gloria, & da vaidade humana; de todas as plantas, & producçoens da terra, só appareceu huma oliveira, & com misterio, appareceu esta Arvore symbolo da misericordia, porque era sahida a Pomba, symbolo da clemencia. Bem pôde a nossa dor formar hum diluvio universal, estendendo o curso das lagrimas, dos limites do Reyno, a todas as suas Conquistas no ambito, & circumferencia do universo, & neste transito da Pomba para o outro mundo, não se achão obras magnificas, soberbos edificios, nem outras vaãs grandezas, que de ordinario se encomendão à posteridade para a memoria dos Testadores; só se descobrem ramos de oliveira, porque tudo são frutos de piedade, & obras de misericordia. Com esta gloriosa virtude coroou a nossa clementissima Rainha, a sua propria coroa, imitando a Deos, que coroa com a misericordia as suas coroas. Celebra David tres coroas, quero di-

zer, tres attributos divinos, & com misteriosa exaltação os representa huns mais altos, que os outros; o attributo da justiça tão alto, como os montes: *Iustitia tua sicut montes*. O attributo da verdade tão alto, como as nuvens: *Veritas tua usque ad nubes*. E o attributo da misericórdia tão alto, como o Ceo: *Domine in Cælo misericordia tua*. Altos são os montes, mais altas são as nuvens, & mais alto que os montes, & que as nuvens, he o Ceo. Todos os attributos de Deos são coroas da sua Divindade, nos montes se significa a coroa da sua justiça, & nas nuvens a coroa da sua verdade, mas o Ceo que sobrepuja a tudo, significa a sua misericórdia, porque a misericórdia he a coroa de todas as coroas: *Iustitia tua sicut montes, veritas tua usque ad nubes, Domine in Cælo misericordia tua*. Continuara o meu zelo, Serenissima Senhora, em representar a exaltação, que a vossa clemencia deu ao vosso Real Diadema, mas a inclemencia do fado interrompe os encomios da clemencia, & neste terrivel encontro, não me pôde a vossa mesma coroa servir de Asylo, porque o cego furor da morte derruba os Monarchas, & pisa as Coroas: *Versus est in luctum chorus noster, cecidit corona capitis nostri*.

*Psal. 35.  
vers. 7.*

### III. PARTE.

A terceira coroa da nossa Serenissima Rainha, foy a constancia, com que coroou a sua morte o Ceo, he a coroa deste mundo inferior, porque com figura circular se levanta o Ceo sobre todos os Elementos, & he dotado de huma tão firme constancia, que o mesmo Deos o chamou firmamento, primeiro que lhe dêsse o nome de Ceo: *Fiat firmamentum in medio Aquarum; vocavitque Deus firmamentum, Cælum*. Mas que firmeza tem o Ceo para merecer o nome de firmamento? Todos os dias se muda o Ceo do Oriente para o Occaso, & do Occaso para o Oriente. Não ha instante, em que o firmamento esteja firme, nem ha cousa mais volúvel, que o Ceo! Nesta sua perpetua volubilidade, tem o Ceo hũa notavel

*Genes. c. 1.*

tavel firmeza, & constancia: debaixo do Ceo, tudo se altera, tudo se muda, tudo se corrompe, & tudo morre; mas nem as alteraçoes dos Elémentos, nem as mudanças dos tempos, nem as corrupçoes da natureza, nem a morte dos viventes, chega a causar mudança alguma no Ceo; hum corpo pois como o Ceo, que na continuacão de tantas, & tão diversas calamidades, sempre permanece no mesmo estado, he propriamente firmamento, & esta sua esferica firmeza, he a coroa da constancia. Das palavras do Profeta, se pôde inferir, que nos corpos humanos poz Deos entendimentos, que são como o Ceo: *Fecit Calos in intellectu*. Mas que celestes entendimentos são estes, senão as almas firmes, & constantes como o Ceo, em todas as mudanças, destruiçoes, & ruínas da natureza, & da humanidade? Desta celeste temprá, foy o entendimento da nossa Sereníssima Rainha, porque nos conflictos da enfermidade, & nos estragos da morte, pareceo tão imperturbavel como o Ceo, & tão firme como o firmamento: *Vocavit firmamentum, Calum. Fecit Calos in intellectu*. A Lua ainda que mingoante, não se assusta, nam retrocede, & não vacilla, & as Estrellas são em sy mesmas tão serenas no Occidente, como no ponto vertical do Ceo; da nossa pacientissima Rainha, fez a constancia hum Astro, que se vio mingoar sem perturbação de animo, & que para cahir com huma serena tranquillidade, poz o interdito a todas as lagrimas, às lagrimas dos que lhe assistião, & às proprias lagrimas, com que a natureza podia procurar algum genero de alivio.

Nos trabalhos desta vida mortal, os coraçoes fracos, & pusillanimes, são como as nuvens, que obrigadas a se dissolver, & a se restituir á terra, se escurecem, & sempre cahem, chorando. Para Santiago exprimir a impermanencia da vida humana, chama ao homem, vapor: *Vapor est ad modicum parens*. Appropriemos esta comparação á fraqueza do animo humano nos infortunios da vida, porque o homem he como o vapor, que chora, quando cahe. A nuvem, he hum

*Psalm.*  
135. v. 5.

*Iacob 4.*  
*vers. 15.*

vapor, levantado a huma magestosa sublimidade, mas tanto que chega o tempo de cahir, & de voltar para o Elemento, que lhe deu o ser, o vil, & fraco vapor se dissolve, & se desfaz em pranto; cada gota de agua, he huma lagrima, & como se conhecera a sua ruina, tanto se perturba, & se commove, que chora. Cahir, & chorar, he tão proprio da fraqueza humana, que até na eminencia dos Thronos se acháráo Reys, ou para melhor dizer, vapores coroados, que só ao annuncio da morte, se desfizerão em pranto, & com a agua das lagrimas, desbotárao o esplendor das Purpúras. Hum destes foy Ezequias Rey de Iudá, que ouvindo a sentença da morte, que o Profeta Isaias lhe intimou: *Dispone domui tuæ quia morieris*: chorou tão excessivamente, que a Escritura faz menção deste excesso: *Flevit Ezechias fletu magno*. Esta grande tristeza, & afflicção de Ezequias, não nasceu só do medo de morrer, senão tambem do pouco aparelho, que trazia para este tão perigoso termo da vida: & bem se deixa ver, que a advertencia do Profeta deu occasião às ancias deste cuidado: *Dispone domui tuæ, quia morieris. Flevit Ezechias*. O aparelho de hum Christão para morrer, he o linitivo do terror, com que o evidente perigo da morte, naturalmente soçobra os animos mais constantes, & esta anticipada prevenção, foy a causa da inalteravel constancia da nossa Serenissima Rainha enferma, & moribunda; não imagineis, que esta sua firmeza, fosse huma constancia estoica, & huma filosofica insensibilidade desprezadora da morte; esta fortaleza de animo, era huma constancia Christãmente heroica, nascida de hum claro desengano das mentidas felicidades da terra, & de hum verdadeiro dezejo da vida eterna, com que nas mayores esperanças de huma perfeita saude, se dispuzera muito devagar, & muito de proposito, para quando o Senhor a chamasse, dando por razão, que não queria, que o temor da morte, mas que só o amor de Deos a obrigasse a se aparelhar para morrer; foy esta constancia animada com a frequencia dos Sacramentos, com tres Confissoes geraes, em menos de dous

annos,

*Isaia c.*  
38. *vers. 1.*

*Ibid.*  
*vers. 13.*

annos, & com a devota lição dos livros espirituaes, & principalmente dos que dão as instrucçens, & os documentos necessarios para huma boa morte; finalmente foy esta constancia alentada com muitas horas de oração mental cada dia, com que sempre hia cortando por todos os alivios, & interesses da vida, & com que estava tão unida com Deos, & tão consolada com esta divina cõmunicação, que muitas vezes dizia, q̃ estava prompta para morrer, & que não tinha medo da morte. Hum animo tão alto, & tão levantado não se podia deter muito neste valle; rompeo os laços da humanidade, para sahir das angustias do tempo, não dezejou de se adiantar no logro de huma vida transitoria; por não atrazar a suspirada posse da Eternidade, & a menor parte da sua agonia, foy o morrer, porque morreo, sem pezar de morrer.

Prodigioso exemplo de constancia na enfermidade, & na morte? Viose esta constantissima Rainha offerecerse como victima da medicina, a mais martyrios, que remedios, & nos mais crueis symptomas, & parocismos, fazer escrupulo de lançar hum suspiro, pedir licença para dar hum gemido, como se lhe não lembrára o ser Rainha, senão para imperar no Throno da paciência, tirando à natureza a liberdade das queixas, & sojugando com o sofrimento as suas penas; não se atemorizou quando a morte com repetidos desmayos lhe ameaçou o ultimo golpe; os desfalecimentos lhe servirão de ensayos para o ultimo suspiro, & a firme resignação da sua vontade com a vontade de Deos não vacillou naquelle terrivel momento, em que com a vida perdia tres cousas tão preciosas como a mesma vida, porque perdia hum Reyno, huma Princeza, & hum Rey; perdia hum Reyno, singularmente favorecido do Ceo, & tão exaltado com victorias, que só poderia hum Reyno como este ter pejo de se ver obrigado a pagar com a vida de huma tão grande Rainha, hum tão grande tributo à morte; perdia huma Princeza, em que vivião as suas esperanças, porque nella renasceraõ as suas virtudes; & finalmente perdia hum Rey, que com lagrimas pe-

dia nesta occasião tregoa a morte, & que além das gloriosas  
 Chagas arvoradas nos seus Reaes Estandartes, traz hoje im-  
 pressa no mais intimo d' alma a dolorosa chaga desta sepa-  
 ração, para insignia, & para divisa da sua inconsolavel fã-  
 dade. Pare aqui, pare o discurso, nesta triste consideração,  
 que já não pode hir o discurso por diante. Quando Timan-  
 tes representou em hum painel o sacrificio da Princesa Iphi-  
 genia, pintou todos os grandes da Corte com os olhos arra-  
 zados em lagrimas, mas cobrio com hum véo o rosto do Rey  
 afflicto, dando a entender, que a Arte não tinha pincel, com  
 que exprimir a extrema afflicção de hum Monarcha; nem  
 hoje tem a eloquencia palavras, com que pintar a dôr de hu-  
 ma Magestade excessivamente sentida, & vejome obrigado  
 a cobrir este inexplicavel sentimento, com o véo do silencio.  
 Sò tenho para dizer, & digo, que quizera, que esta morte não  
 fosse só o objecto da nossa dor, mas que tambem nos servisse  
 de exemplo para a disposição, com que nos havemos de  
 aparelhar para morrer. Confessar geralmente de toda a vi-  
 da, arrepende de todos os peccados com huma verdadeira  
 contrição, perdoar aos que nos offendirão, & pedir perdão  
 aos que cuidamos ter offendido, despir de todos os affectos,  
 livrar de todos os embaraços, & tratar sò do negocio unico  
 de importancia, que he a Eterna Salvação d' alma, são as pre-  
 venções, & as circumstancias de hũa morte Christã, & vo-  
 luntaria, com que depois não sentiremos o morrer necessaria,  
 & forçosamente. Este he o exemplo, que a nossa Serenissima  
 Rainha nos deixou, para aproveitar aos seus subditos ainda  
 depois de morta: & este tão grande, & tão santo exemplo me  
 persuade, & me obriga a crer piamente, que às tres coroas da  
 Prudencia, da Clemencia, & da Constancia, com que neste  
 mundo eternizou a sua memoria, se lhe acrescentou na outra  
 vida a Coroa da Gloria, para reynar eternamente no Ceo:  
*Ad quod nos per ducat Omnipotens Pater, & Filius, & Spiritus  
 Sanctus.*

# PROTHEVS DOLORES

In Obitu

SERENISSIMÆ

REGINÆ PORTVGALLIÆ;  
D. MARIÆ FRANCISCÆ ELISABETÆ  
A SABAUDIA.

Dolor Florilegus.

Dolor Iurisconsultus.

Dolor Medicus.

Dolor Astronomus.

Dolor Architectus.

Dolor ejulatum intercidens.

Dolor repercussus.

Dolor Monogrammus.

Dolor Polygrammus.

Dolor ultimas voces languidè enuntians.

*AUTHORE*

**P. D. RAPHAELE BLUTEAVIO,**

Clerico Regulari Theatino, Sacræ Theologiæ professore,

Reginæ magnæ Britannia à concionibus, & Sanctæ

Inquisitionis in Lusitania Qualificatore.

EROTHEVS DOLORIS

In Opibus

SERENISSIMA

REGINA PORTUGALIAE

D. MARIE FRANCISCAE ELISABETAE

A SABADIA

Dolor Frontis

Dolor Parotidis

Dolor Medullae

Dolor Aëronum

Dolor Arteriarum

Dolor oculorum interdentium

Dolor operculi

Dolor Monogrammi

Dolor Polygrammi

Dolor ultimae vocis laquei annuntians

ASTHMA

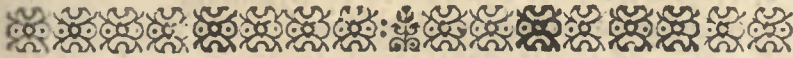
T. D. R. APHAELLE BLUTAVIO

Chirurgo Regium Theatrorum, & Theologiae Professori

Regiae Magnae Britanniae à concionibus, & sanctorum

Insularum in Lusitania Qualificatore





# DOLOR FLORILEGVS.

## R O S Æ.

**R**eginam *Lysia*, florum *Regina* coronet ;  
*Pulchra*, rosas auxit, morte, *Maria* decus.  
*Palluit* ut refugo *Reginæ* sanguine vultus ,  
 Tunc magis *purpureæ* promicuerit rosæ.  
*Viderunt* sibi fata suam subvertere sedem,  
*Præque* pudore illis crevit ubique rubor.  
*Scintillate* rosæ, & pietas huc ferte favillas,  
 Hoc cinere involvi vestra favilla cupit.  
*At, si fas*, rigidis, *Rosa* te precor, exue dumis ;  
*Spinarum* sensit viva *Maria* satis.

## L I L I A.

*Si tua* nascenti, tibi *Gallia* *Lilia* pandit ,  
*Lilia* te gaudent post tua fata sequi.  
*Illa* tibi inclinant reverenter flexile collum ,  
*Obsequij* succum, candidus arcet apex.  
*Canities* viridi dominatur florea culmo,  
*Fitque* tibi celeri morte, juvena senex.  
*Lutea* sceptrata calix, velut urna argentea, claudit ;  
*Lutea* sic *Regum* corpora condit humus.  
*Sed folia* in nitidas se formant omnia linguas ;  
*Omnibus* & linguis te vaga fama canet.

Seu cro-  
 cca.  
 Seu, ex lu-  
 to ficta.

## V I O L Æ.

*Vos* *Violæ* rivos, & fluxum ambitis aquarum ;  
 Hic vobis tumulus grata fluente dabit.

D

Hic

*Hic fusa in lacrymas Lysiorum cor da liquantur,*  
*Nobiliore nequit rore madere solum.*  
*Sive etiam Zephyris, atque obstetricibus auris*  
*Surgitis, & mulcent lenia flabra comas.*  
*Hic pia perpetuus ducit suspiria mæror,*  
*Vestros pallores hæc decet aura dolens.*  
*Iamque magis violæ, Mariâ, pallete, sepultâ,*  
*Decolor est omnis, luce latente, decor.*

### HYACINTHI.

*Squalide flos, prisci vegetans plangoris imago,*  
*Tu mæstis luges regia fata notis.*  
*Sit tuus ergo labor Reginae inscribere funus,*  
*Littera sed signo flebiliore gemat.*  
*Non pueri Oebaly, non satum Ajacis inulti,*  
*Asperior a tibi funera flere damus.*  
*Extinctam luge, nostrum decus omne, Mariam,*  
*Hanc Lysiaæ florem, flos gemebunde voca.*  
*Floruit ingenio, formâ, & virtutis honore,*  
*Floremque ostendit, mors cita, vita brevis.*

### AMARANTHI.

*Immortale tuum decus est Amaranthe, furentem,*  
*Qui Phæbum, & brumæ sidera ferre potes.*  
*Flos invictæ tuæ redimitur honore Maria,*  
*Quam nec terrificæ terruit ira necis.*  
*Fracta valetudo, tamen imperterrita semper*  
*Mens fuit, & nullo palluit ægra metu.*  
*Hunc virtus florem æternos transcripsit in hortos,*  
*Hunc etiam in terris posthuma fama colit.*  
*Quisquis novisti fato cessisse Mariam,*  
*Hanc abijsse quidem, non objisse dote.*



## DOLOR IVRISCONSULTVS.

*Etiam Regibus  
Severa mors Ius dicit,  
Nec Iure suo aliquid agit,  
Sed Dei.*

*Illa*

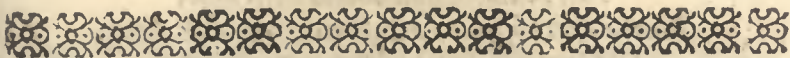
*Summo Iure agit cum omnibus,  
Sed inoffensâ æquitate;  
Suaè verò cæcitati debet,  
Quod sit Æqua:  
Communi legi Laxamentum daret,  
Si videret;  
Splendor purpuræ  
Oculos perstringeret,  
Vel Regia Maestas  
Impetraret Immunitatem.  
Hoc Privilegio donari non optavit  
Regina, quæ hinc jacet.  
Vsu Regni contenta,  
Certò sciebat Dominium esse Dei,  
Qui dederat;  
Nec ignorabat  
Ipsa Regna, referenda esse  
In Bona mobilia.  
Sancitâ omnibus Lege teneri  
Gavisa est,  
Nam Leges ipsa non ferebat,  
Nisi ut observaret.  
Crudele Tributum pendens  
Lachrymas omnes Interdixit,  
Ne Causam suam videretur orare,*

D ij

*Suo-*

*Suorum planctu.*  
*Citra scelus Iniqua,*  
*Sibi uni Injuriam fecit,*  
*Nam dolori suo Levamentum denegavit,*  
*Cum gemitus continuit,*  
*Sed Regiam Auctoritatem non sustinisset*  
*Cum summâ libertate,*  
*Si habuisset oculos*  
*Dolori Stipendiarios.*  
*Vadimonium obitura*  
*Fletus omnes ad supremi Iudicis Tribunal*  
*Piâ Delegatione præmiserat;*  
*Quod ei Deus Debitorum gratiam fecerit,*  
*Dari potest Præsumptio Iuris,*  
*Toties enim se per purgavit*  
*Confessionis Sacramento,*  
*Ut nihil ipsi potuerit objicere*  
*Testis conscientia.*  
*Christianâ Amnestiâ,*  
*Offensionum omnium,*  
*Quas potuisset accipere,*  
*Obliteravit memoriâ;*  
*Seque Ream faciens,*  
*Absque injuriâ Innocentiæ,*  
*Ab ipsis quos non offenderat,*  
*Veniam rogavit.*  
*Testamentum pietas concepit,*  
*Conceptum exaravit,*  
*Exaratum obsignavit;*  
*Luculentum ex eo obvenit*  
*Pauperibus Patrimonium,*  
*Et Posthuma hæc charitas,*  
*Animi ad benefaciendum proclivitatem*  
*Ultra vitæ Limites produxit.*  
*Mortem in Iudicium vocate*

*Lusitani,*  
*Publica Depecuatrix*  
*Sanctiori Ærario Regnum spoliavit,*  
*Cum Mariam abstulit.*  
*Sed Accusari mors non potest*  
*De Repetundis,*  
*Nullas enim in sui Muneris functione,*  
*Pecunias accipit,*  
*Sed omnes indistincte perimens,*  
*Omnia conficit Terminis peremptorijs.*  
*Abi Viator, & perge*  
*Novis lachrymis Iusta persolvere;*  
*Causa tuâ ne cadas*  
*Mortem quotidie meditare,*  
*Nullum datur in Foro mortis*  
*Iustitium.*

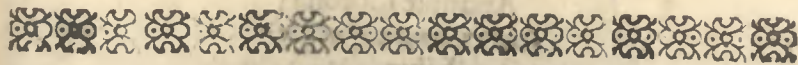


## DOLOR MEDICVS.

*Erubescere tuam inscitiam,*  
*Salutarium Medicaminum rudis,*  
*Medicina.*  
*Laborabat Regina*  
*Ægra corpore,*  
*Laborat nunc & Regnum*  
*Animi Ægritudine;*  
*Illius nequisti Morbum depellere,*  
*Hujus non vales Sublevare mœstitiam!*  
*Infelix Lusitania!*  
*Non exhaurient tibi tuum Dolorem,*  
*Panchestra Medicamenta.*  
*Regius sanè Morbus est,*  
*Qui te invasit,*

Laboras enim ex desiderio Reginae.  
 Habent & morbi suos Ascensus,  
 Ascendere altius non poterat Morbus iste.  
 Duo Regni Capita affecit,  
 Regnam, & Regem:  
 Regnam sustulit,  
 Regem afflixit;  
 Et Regis Dolor, fit Morbus Popularis;  
 Nam Dolente Regni capite,  
 Languent membra Reipublicæ;  
 Nihil sanè acerbius accidere poterat,  
 Quàm Hæc Venæ Coronariæ Vulneratio.  
 Nec minor est populis Dolendi causa,  
 Avulsa est enim Maria à suis,  
 Acutissimum dolorem inussit.  
 Crudelis hæc Dissolutio.  
 Mors tamen, quæ omnia abstrahit,  
 Mariæ non abstulit Attrahicem Facultatem,  
 Omnium ad se lacrymas traducit.  
 Heu triste Portugalliæ Regnum,  
 Nomine dumtaxat es Lusitania,  
 Lusum omnes expulit Luctus.  
 Te Singultosa Febris corripuit,  
 Te totam absorbuit Ecstasis Melancholica.  
 Tibi anhelitum interclusit Luctuosa Respiratio,  
 Interrupit æquos Venarum motus  
 Palpitatio Cordis, & Subsultio;  
 Nec tibi jam micat, aut Dilatatur  
 Arteriæ,  
 Quas cordis angor Contraxit.  
 Proh! quàm diù manebunt,  
 Et quoties recrudescunt  
 Hujus doloris Symptomata!  
 Omnia respuit solatia  
 Malum Capitale;

*Abeste hinc, abeste*  
*Apodachrytica,*  
*Pharmaca Delacrymativa,*  
*Amuleta tristitiæ,*  
*Cardialgiæ Antidota,*  
*Et omnia oculorum Collyria*  
*Lacrymas Repercutientia.*  
*Nullis teneantur limitibus*  
*Nostrarum Profluvia lachrymarum,*  
*Nulla inducatur Cicatrix*  
*Vulneri, quod accepimus,*  
*Semperque recens sit hæc Plaga,*  
*Quam assiduè Refricat memoria.*  
*Vale Viator, & cura ut Valeas,*  
*Sed. Animæ Salutem*  
*Diligentiùs cura,*  
*Quam corporis.*



## DOLOR ASTRONOMVS.

*Aquea Signa, nimboſa Sidera,*  
*Pifces, Hyades, Orion,*  
*Cadite, ruite, terram obruite;*  
*Reſtagnantibus fluuijs,*  
*Tota fiat Luſitania Oceanus,*  
*Et Maria condant Mariam.*  
*Noſtro huic Soli*  
*Virtutis via*  
*Fuit Ecliptica,*  
*Quam recto ſemper limite tenuit,*  
*Nunquam Retrogradus,*  
*Niſi cum ſui deſiſſione*  
*Alijs ceſſit,*

*Nec obnoxius Eclipsi,  
Nisi cum suos ipse Radios retraxit.*

*Fuit illi Solstitium,  
Sola constantia ;*

*Solum que transitus ad vitam beatiorum,  
Fuit Occasus.*

*Sua nempe mors est cunctis Sideribus  
Cedit Vrsa Maior, æquè ac Minor,  
Cedit cum miti Virgine, Leo ;*

*Imperantia Signa,  
Regiæque Stellæ :*

*Suas habent Declinationes,  
Et omnium Exaltationem Planetarum,  
Suis subsequitur Descensus.*

*Quàm pulchrè expressit Maria,  
Coelestes Imagines !*

*Micabat in Regio diademate,  
Ariadnæ Corona ;*

*In Prudentiæ trutina,  
Libra ;*

*2 V M O In corporis elegantia ;*

*Pavo,  
In animi candore,  
Lactea Via ;*

*Lynam, morum concentus ;  
Astræam, justitia ;*

*Penitentiae lachrymæ, Aquarium,  
Et Manucodiatam, Paradisi Avem*

*Rerum cælestium contemplatio  
Effinxit.*

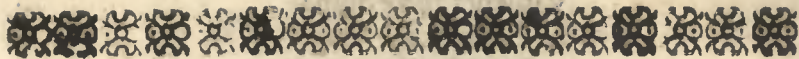
*Habes in Stellis  
Præclara Mariæ facta ;*

*A Stellis accipe  
Tristia Mariæ fata.*

*Morbi accessiones,*



Violenta fuerit Signa.  
 Præfinitum vitæ tempus  
 Fuit Horizon;  
 Et quid mors fuit,  
 Nisi Caput Medusæ, & Iugula?  
 Vociferator;  
 Est noster ejulatus;  
 Solitudo Planetæ,  
 Est Petri viduitas;  
 Vrina, cineres indicat,  
 Fovea, sepulchrum,  
 Sed Longitudinem non admisit,  
 Brevis curriculum vitæ.  
 Hic Stadium absolvit  
 Stationarius Planeta.  
 Extremus judicij dies  
 Reducet Auroram,  
 Est enim tumulus  
 Orientalis Domus,  
 Et qui hic cecidit Hesperus,  
 Phosphorus resurget.



## DOLOR ARCHITECTVS.

## Epitaphium Pyramidatum.

Heu,

Eheu.

1. Gallia plora, 1  
Lysia luge,  
Lumina pulchra  
Clausula Sepulchro.
2. Cedite, forma, decor, 2  
Cedite, sceptrum, decus,  
Cedite cuncta neci,  
Parcere Parca nequit.
3. Hic tandem jacet illa, quæ jacenti 3  
Nunquam corde tulit sinistra fata.  
Hæc est magnanimæ virago mentis  
Regnantium decus inclytum Maria.
4. Vitæ fugacis mane gaudium spreuit, 4  
Lethoque læto corde se obviam fecit.
5. Sceptrum dimisit caduca, ut possideret præmia, 5  
Quæ sero nunquam ruunt fati furentis turbine.

1. Carmen Adonium. 2. Dimetrum Hypercatalectum Archilochium. 3. Carmen Phaleucium Hendecasyllabum. 4. Carmen Choliambicum, seu Scæzon. 5. Carmen Throaicum Archilochium.



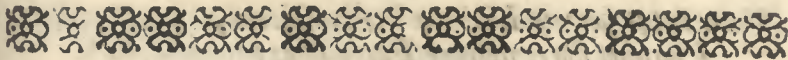
## DOLOR EIVLATVM INTERCIDENS.

*Allobreges, Galli, Lotharingia, Lysia, Vestrum,  
Trites mærentes, flens, gemeburda, Decus,  
Quæstus, singultus, lachrymas, planctusque, Maria,  
Ducite, miscete, sparge, profunde, lacet.*



## DOLOR REPERCVSSVS.

*Qui te nunc agitant infelix Lysia fluctus?  
Luctus. In populos scire procella furit?  
Vrit. An in cineres aberit hæc mænia nostra?  
Ostra. Diu sceptra, nec ostræ manent.  
Nent equidem Parcæ, stamenque est labile vita.  
Vita. Heu nec vitat fata cruenta Thronus.  
Est Onus ipse thronus, Pondus sed morte recessit.  
Cessit, & ad Superum Tempia Maria volat.  
At tu Sermonem natorum Dea garrula claude,  
Laude; novis semper laudibus Æthra sonet.*



## DOLOR MONOGRAMMVS.

**A**  
*Deficit in tenuem Princeps hæc littera punctum;  
Ocius in summo culmine vita perit.*

**B**  
*Balatus ovium tristi sonitu exprimit ista;  
Dux Lysia cecidit, grex Lusitana geme.*

E ij

*Hæc*

*Hæc arcum effingens Iris curvatur ad instar ;  
Respergat lachrymans Iris ubique genas.*

## D

*Dimidium, hæc, Lunæ est ; deest pars altera lucis ;  
Consortem Regni funeris umbra tegit.*

## E

*Tempus edax rerum, dentatum gramma figurat ;  
Splendidius nunquam tempora pasta puto.*

## F

*In Lysia nullum tibi fas est claudere verbum ;  
At Fine, & Fato clauditur omne decus.*

## G

*Tortile gramma vides, cochleæ similatur inani ;  
Concha fuit corpus, margaritis astra tenet.*

## H

*Illustris vitæ, geminæ, sunt meta, columnæ ;  
Sola omnes metas transfilit ira necis.*

## I

*Præceptum est mortis ; cuncta & cunctos jubet ire ;  
Ire necesse fuit, fama sed ampla manet.*

## K

*Tangitur in medio, cum scissa extrema recedunt ;  
Nostra premit, Mariâ, corda, abeunte dolor.*

## L

*Vnca notat sævam Libitinæ littera falcem ;  
Vno quot flores vulnere Parca secas ?*

## M

*Plus valet hæc reliquis, nam mille hæc indicat una ;  
Inter mille alias, una, Maria fuit.*

## N

*Sijaceat, Zeta est, postremâ in sede recumbens ;  
E folio, in tumulo, lapsa Maria, jacet.*

*Hæc mundum Astronomi, hæc nihilum describit Arithmus.  
Sunt tua, munde miser, sunt bona cuncta, nihil.*

*Littera ter quinta est, funestum antiquitus omen;  
Nostra hæc fatalis littera damna notat,*

*Exprimis infaustum, caudatum grammæ Cometam;  
Num satis Astra suas explicuere minas?*

*ER sonat Ausonijs, RO Græcis, RES Solymæis;  
Atropos ERRASTI stamina curta secans.*

*MorS dispunge tuo flexum de nomine grammæ;  
Mortem nulla hominum flectere vota queunt.*

*Antennam refero transversam in vertice mali;  
Mundus hic Oceanus, naufraga viTa, raTis.*

*Vltima vocalis mæstos profert VVlatVS;  
HeV Regina SUis Vltima Verba dedit.*

*Cerne crucem; cruX est, sceptrum regale, superba;  
Magnificas humilis linque Maria cruces.*

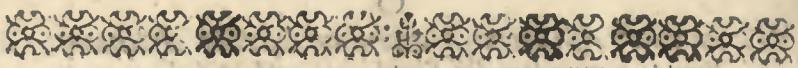
*Infima pars illæsa manet, suprema debiscit;  
Fati fulminibus latius alta patent.*

*Græcam stirpe, tenet me Roma; & Lysia tellus  
Lika Galla tenet, sicque tenere dolet.*

Quinarius,  
numerus in-  
felix. Bur-  
gus de nu-  
meris pag.  
452.

Alluditur  
ad Cometas,  
qui postre-  
mis hisce  
annis visi  
sunt.

Littera Z.  
Græcis usi-  
tata. Ea in  
peregrinis  
dictionibus  
scribendis  
Latini uti-  
tur.



# DOLOR POLYGRAMMVS.

*Astriferas Arces Attingat Acerbus Amaror ;*  
*Tetra etiam stellas obruit umbra necis.*  
*Bella, Benigna, Bonosque Beans, Bona, Blanda ; Beato*  
*Stella Tago irradians decidit orba die.*  
*Conspiciam Cinxit Caligo Cæca Coronam,*  
*Trivittque audaci, mors fera, scepra pede.*  
*Deliras Dea Diræ, Dei Diademata Durant ;*  
*Regnaque, cum credis te rapuisse, manent.*  
*Excidy Est Expers, Elementa Excedit, Et Euros ,*  
*Deseruit Lysias, Elysumque colit.*  
*Fortunæ Fugiens, Fælici Funere, Fucum,*  
*Ipsam, quâ premitur, libera calcat humum.*  
*Gemmas Gazas, Gratulantium Gaudia, Gemmas*  
*Despicit, & quidquid terra decoris habet.*  
*Hactenus Hic Heroum Heres Habitaverat Hospes*  
*Regum Progenies, Semideumque decus.*  
*Imperium Interitu Iuvat Illachrymabile Inire ;*  
*Mæsta sed absentis fletibus Aula litat.*  
*Languet Lethali Labens Lusitania Luctu,*  
*Ipsa Orbis terror, fracta dolore, cadit.*  
*Maxima Migravit, Magnorum Meta, Maria ;*  
*Meroris magnes, corda, oculosque trahit.*  
*Næ Nocitura Nimis Nostrum Nox Nubila Numen*  
*Eripis, & nostris nos sepelis lachrymis.*  
*Officii Occiduis, Orientisque Officiu Oris,*  
*Et cunctis hæc fit plaga cruenta plagis.*  
*Plorabit Pallas, Parnassus, Pax, Pietasque,*  
*Nec se jam dubitat credere Petrus aquis.*  
*Quantumvis Querat Quassata Querela Quietem,*  
*Tantum erit in lachrymis inveniendâ quies.*

Petrus Por-  
 tugallie  
 Rex Regina  
 mortē acer-  
 bā deplora-  
 tione prose-  
 quitur.

*Rejiciunt Ritus, Rex, Regnum, Regia, Rostra;*  
*Ipsaque ( seu plorant ) imbribus Astra fluunt.*  
*Suspendo Super is Supplex Suspiria Summis,*  
*Et justo gemitus damno rigore meos.*  
*Tempore Tabescunt Terrena Tropæa, Tiaræ ;*  
*Sed pia virtutum fama perennat ovans.*  
*Vivis Virtutum Vegeto Veneranda Vigore*  
*Regina, haud poteris mortua, tota mori.*

Pluviosus  
 præ cæteris  
 annus Regi-  
 næ mortem  
 subsequutus  
 est.



## DOLOR VLTIMAS VOCES

languidè enuntians.

*Trux, atra, immitis, populos, Regesque premit mors.*  
*Mors cui terricolas semper calcare fuit mos.*  
*Mos heu crudelis, quem tollere nulla potest lex.*  
*Lex nobis severa nimis quâ nostra perit lux.*  
*Lux jacet in tenebris, heu fracta dolore silet vox,*  
*Vox silet, at gemitu fiet vocale dolens cor.*

